

Recessão atinge setores 'imunes' à crise

2 - MAR 1992

O GLOBO

LÉA CRISTINA

A recessão começa a afetar setores que há dois anos resistem à vertiginosa queda do poder aquisitivo da população. É isto que se constata, por exemplo, no valor dos aluguéis novos (que passam a empatar com o dos antigos); no crescimento do número de lojas que aceitam cartão de crédito pelo preço à vista; na guerra de preços travada pelos postos de combustíveis e no fato de as cervejarias, pela primeira vez em sua história, registrarem queda de vendas em pleno verão e, por isso, oferecerem descontos no período.

Não que até aqui a recessão tenha sido amena. Pelo contrário: 1991 fechou com a maior taxa de desemprego — 4,83% — desde 1985; a perda real do salário médio de novembro de 1990, em relação ao mesmo mês de 1991, é de 21,5% no Rio de Janeiro e de 14,2% em São Paulo, de acordo com o IBGE.

Mas agora a recessão está criando algumas situações inéditas. Atinge setores que pareciam imunes à perda do poder aquisitivo da maioria dos consumidores. Não há dúvidas de que estes setores ainda têm fôlego: tanto, que, apesar da queda de vendas, os aumentos de preços persistem — é uma questão de corrigir custos defasados pelos reajustes das tarifas públicas e dos impostos, dizem as indústrias automobilística e de bebidas. Afinal, 48 mil carros em estoque e a queda de 10% nas vendas de cerveja não são suficientes para inibir novos aumentos.

Mas só aumenta preços quem pode. E o setor de vestuário não pode. O que se vê é uma queda

real de preços de 26% (em 1991), contra 16% em 1990. Em 1991, foram produzidos 2,5 bilhões de peças, 10,5% a menos que em 1989. É verdade que a nova coleção vem aí, mas dificilmente se conseguirá emplacar ganhos reais como em outras épocas, acredita o economista e consultor de empresas Gil Pace.

Os produtos básicos, por sua vez, sofrem de duas formas: queda de vendas e substituição por mercadorias de segunda linha ou mais baratas. É o caso da carne. Segundo o presidente do Sindicato do Comércio Varejistas de Carnes Frescas do Rio (Sindicarnes), Orlando Diniz, as projeções são de que, de agosto para fevereiro, a venda da carne de primeira tenha sofrido queda de 60%, e a da carne de segunda aumente 10%, resultando numa perda de 50% do consumo. Sem falar no preço, que já teria chegado aos Cr\$ 7 mil (no caso do quilo do filé) e agora caiu para Cr\$ 6 mil.

Alguns poucos economistas não acreditam que a recessão venha a atingir os maiores detentores da renda nacional e, assim, fazer com que a inflação desça a níveis aceitáveis; a maioria acha que consegue sim. Talvez, diz Edward Amadéo.

— Há setores que por dois anos resistiram às pressões do mercado, mas que agora começam a ceder. Agora, usar apenas a recessão para combater a inflação é uma brutalidade. Isso gera custos sociais imensos, que poderiam ser atenuados por uma política de rendas (regras para preços e salários). Só que, dado o grau de popularidade do atual governo, esta política fica inviabilizada — admite.